

A FUNÇÃO ENUNCIATIVA COMO INSTÂNCIA DE DIFERENCIAÇÃO DOS INDIVÍDUOS E DE POSSIBILIDADE DE IDENTIFICAÇÃO

Kátia Menezes de SOUSA (UFG)
Km-sousa@uol.com.br

Neste trabalho, parto da noção de enunciado de Michel Foucault (1995) para discutir as práticas de objetivação e de subjetivação como resultado da relação entre os ditos, os objetos discursivos e a função enunciativa. Pretendo percorrer o trajeto de trabalho do Grupo Trama de Análise do Discurso da UFG, coordenado por mim, comentando algumas pesquisas desenvolvidas por mim e pelos alunos de Graduação e de Pós-Graduação para ilustrar e reafirmar o primado do enunciado na constituição dos saberes e dos sujeitos. Conforme Foucault (1995), a presença de um enunciado inibe a entrada de outro, mas não há nada embaixo dele, está inteiro na superfície e ocupa um lugar que só a ele pertence e deve ser analisado em seu valor, em sua exterioridade, como o conjunto das coisas ditas, que não remete a uma forma de interioridade como sujeito fundador, transcendental, soberano, mas aos efeitos próprios do campo enunciativo por meio das diferentes formas da subjetividade que fala. Assim, a análise discursiva deve procurar o modo de existência que pode caracterizar os enunciados ao longo do tempo em que subsistem, em que se conservaram, em que são reativados, utilizados, esquecidos ou mesmo destruídos. Deleuze (2005) comenta que a arqueologia de Foucault apresenta dois elementos de estratificação: o enunciável e o visível, as práticas discursivas e as não-discursivas. Na formação dos saberes, o visível e o enunciável se inserem um no outro e não param de se interpenetrar, mas há, entre os dois planos, diferenças de natureza. As práticas discursivas e não-discursivas são formuladas a partir e na forma de enunciados. Baseando-se em Foucault para discorrer sobre o plano de produção da subjetividade, Tedesco (2007) afirma que, do caráter empírico das visibilidades, criam-se modos de ver e de fazer ver, já da produção das dizibilidades aparecem maneiras específicas de falar e fazer falar. Seria nesse conjunto de falas e de olhares que o objeto se constitui. Contudo, esse processo de produção pode conduzir a uma fidelidade ao modelo geral ou a uma matriz que deve ser reproduzida, como também pode se voltar sobre si mesmo impondo direções inesperadas às suas próprias linhas de produção. Assim, a subjetividade como produto entre as realidades produzidas é um efeito do encadeamento de práticas diversas, um entrecruzamento de determinações discursivas e não-discursivas. A produção de realidades processa-se na

pluralidade de discursos, advindos dos saberes e práticas, e a forma-sujeito constitui-se como objeto discursivo no conjunto das falas. A linguagem engendra, ela mesma, o próprio objeto que descreve. A subjetivação é um trabalho do próprio indivíduo conforme as técnicas (da disciplina, do controle, do espetáculo) a que é submetido. Foucault (2001; 1999) vai observar que as sociedades disciplinares estavam sendo deixadas para trás e fala de uma sociedade de controle que nos incita a falar constantemente. Podemos dizer que a sociedade do controle, do biopoder, ganhou contornos sofisticados com os dispositivos de informação instantânea e de valorização da visibilidade das ações e dos corpos dos indivíduos. A partir dessa concepção de enunciado e da idéia de dispositivos que constroem os indivíduos como objetos discursivos e os constituem em sujeitos que se prendem às identidades, as pesquisas realizadas pelo grupo Trama contemplam temas do cotidiano, discursos institucionalizados e a prática escolar. Assim, há uma preocupação em tratar dos discursos científico, religioso, jurídico e econômico, principalmente enquanto sustentadores dos discursos do cotidiano sobre o corpo, meio ambiente, família, mídia, infância etc. No que diz respeito à prática escolar, as pesquisas têm se voltado para aspectos da produção textual, tratando da questão da autoria no domínio do texto em sala de aula, sob o viés da visão de enunciado como “nó na rede discursiva”, o que permite a consideração da heterogeneidade discursiva e enunciativa e, logo, da aceção de sujeito marcado por diferentes posições enunciativas. Os gêneros discursivos são, também, objeto de nossos estudos que os colocam como mais uma forma de controle na produção e recepção dos discursos. Ainda, o cotidiano do espaço escolar é lugar privilegiado para a investigação dos processos de objetivação e de subjetivação dos sujeitos que ali se constituem na relação do saber/poder.

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, G. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- FONSECA, M. A. da. *Michel Foucault e a constituição do sujeito*. São Paulo: EDUC, 2003.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 2001.
- _____. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995a.

TEDESCO, S. Subjetividade e seu plano de produção. In: QUEIROZ, A. CRUZ, N. V. (Org.) *Foucault hoje?* Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.